

BLOCOS E ESCOLAS EM ANTONINA

Bloco Boi Barroso e
o resgate de histórias
e práticas culturais



**BLOCOS E ESCOLAS
EM ANTONINA
Bloco Boi Barroso e
o resgate de histórias
e práticas culturais**

ELISAMA KISSENIA DE SOUZA

Deise Cristina de Lima Picanço

Fernanda Cristina Lopes

Pamela Cristine de Oliveira

(Orgs.)

Editora
UFPR

Curitiba, 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Projeto Mutirão + Cultura

Reitor

Prof. Dr. Ricardo Marcelo Fonseca

Vice-Reitora

Prof^a. Dr^a. Graciela Bolzón de Muniz

Pró-Reitor de Extensão e Cultura da UFPR

Prof. Dr. Leandro Franklin Gorsdorf

Coordenadora de Extensão

Prof^a. Dr^a. Maria Virgínia Filomena Cremasco

Coordenador de Cultura

Prof. Dr. Rodrigo Arantes Reis

Diretor da Editora UFPR

Prof. Dr. Rodrigo Tadeu Gonçalves

Vice-Diretor da Editora UFPR

Prof. Dr. Hertz Wendel de Camargo

Diretora do Museu de Arqueologia e Etnologia

Dr^a. Bruna Marina Portela

EQUIPE

Apresentação e organização

Prof^a. Dr^a. Deise Cristina de Lima Picanço

Fernanda Cristina Lopes

Pamela Cristine de Oliveira

Editoração

MAE

Projeto Gráfico

Victor Uchoa

SUMÁRIO

Apresentação	6
Da Grécia Antiga aos desfiles de carnaval	15
Carnaval no Brasil	16
As festas do boi	22
O Boi Barroso: Antonina/Paraná	25
O ENREDO	30
AS PERSONAGENS	33
Música: Boi Barroso de Antonina	36
Sugestões para o professor	37
Comunidade Nossa Senhora da Penha	39
Igrejo Bom Jesus do Saivá	41
Resultados esperados	44
Referências	46
Equipe: texto final	47

1 Mutirão, prática que dá nome ao projeto, caracteriza-se por ser uma atividade coletiva em que todos participam de algum modo para a realização de alguma tarefa importante e que seria muito difícil realizar sem a colaboração de toda a comunidade, como a colheita da roça, o arrasto da rede de pesca, a preparação de alimentos, a construção de casas, entre tantas outras atividades.

Origem: do Tupi-Guarani pitibô, popitibô, picorô, que significa “ajudar”. Auxílio gratuito que prestam uns aos outros os membros de uma determinada comunidade, reunindo-se todos em proveito ou de um de seus membros, ou de todos, como no caso da implementação de obra(s) de infraestrutura.

(DICIONÁRIO de Palavras Brasileiras de Origem Indígena. Disponível em: <https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/mutirao/>. Acesso em: 6 ago. 2019)

2 O termo caiçara tem origem tupi-guarani: caá-içara denomina as estacas colocadas em torno das tabas ou aldeias, além de responder ao instrumento feito de galhos de árvores fincados na água para cercar os peixes. Com o tempo, o termo passou a ser usado para denominar as comunidades que vivem ao longo do litoral dos estados de São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro. (DIEGUES, A. C. S. Diversidade biológica e culturas tradicionais litorâneas: o caso das comunidades caiçaras. Série Documentos e Relatórios de Pesquisa, n. 5. p. 9. São Paulo: NUPAUB-USP, 1988).

3 CANCLINI, N. G. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 2. ed. Tradução: Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.

Apresentação

MUTIRÃO¹ NA ESCOLA: PRÁTICAS E SABERES PARA COMPARTILHAR NA SALA DE AULA

Este fascículo faz parte da coletânea paradigmática **MUTIRÃO NA ESCOLA: práticas e saberes para compartilhar na sala de aula**, a qual se propõe a partilhar com os professores, pedagogos, educadores e alunos uma parte dos resultados das atividades desenvolvidas nos últimos anos pelos participantes do projeto **Mutirão +Cultura** na UFPR.

A coletânea, apresentada em cinco fascículos, tem como propósito trazer conhecimentos e perspectivas sobre as práticas e os saberes das comunidades do litoral do Paraná e sua diversidade étnica e cultural, para que possam ser trabalhados por todas as escolas do estado, já que muitas das atividades aqui propostas tiveram a participação de comunidades escolares.

A intenção deste conjunto paradigmático, portanto, é fornecer ao professor algumas reflexões e sugestões de atividades para serem desenvolvidas em sala de aula, visando a construção de conhecimentos sobre a cultura e os modos de vida do litoral, como parte da problematização das várias formas de viver e pensar as práticas cotidianas de comunidades caiçaras² urbanas e rurais, indígenas e quilombolas – grupos sociais muitas vezes silenciados ou invisibilizados.

Para trabalhar com esses modos de vida a partir da compreensão dos sujeitos que neles constroem sua existência, partimos da ideia de Néstor Canclini³ de que, na América Latina, tivemos uma permanente história de

construção de culturas híbridas. Nesse longo processo, a modernidade passou a equivaler à noção de pluralidade, mesclando relações entre grupos hegemônicos e subalternos, tradicionais e modernos, cultos, populares e massivos.

Uma das críticas do autor aos recentes estudos sobre cultura popular refere-se ao fato de se interessarem mais pelos bens culturais (objetos, músicas, lendas) do que pelos sujeitos geradores e consumidores desses bens. Analisando as investigações sobre cultura, Canclini percebe que, nesses estudos, cultura popular pertenceria àqueles desprovidos de patrimônio ou que não conseguem o seu reconhecimento e a sua conservação como tal. Um exemplo dessa dinâmica pode ser observado nos artesãos: por não serem tratados como artistas, suas obras não participam do mercado de bens simbólicos e de seus processos de legitimação. São também populares nesses estudos os espectadores dos meios de comunicação de massa que, excluídos dos processos formativos mais institucionalizados, são considerados inaptos para consumir a alta cultura, por não dominarem a terminologia e a história dos estilos artísticos. Contrário a essa perspectiva, Canclini propõe que os estudos da cultura popular exigem que nos livremos da pretensiosa concepção de autonomia absoluta ou de uma pureza dessas práticas, assim como do desejo complacente de autossuficiência, como se fosse possível ignorar as indústrias culturais, o turismo, as relações econômicas e políticas com os mercados nacionais e transnacionais de bens simbólicos. Isso porque, para o autor, na cultura popular não há uma simples e pura repetição ordenada das tradições. Nela são confrontadas muitas práticas e muitos rituais são transgredidos por meio da incorporação de temas, costumes e tecnologias, como nos carnavais, nos bailes

de fandango e na produção, divulgação e preservação de saberes como os da pesca, do mutirão e da confecção de peças de artesanato.

Esta coletânea, portanto, busca contemplar os objetivos das ações do Eixo 1 do Projeto **Mutirão +Cultura** – que se refere à atuação junto à Educação Básica –, conforme edital do MEC/MINC. As ações do Eixo 1 trabalharam com conhecimentos e conteúdos resultantes do mapeamento cultural colaborativo e do inventário das práticas culturais do litoral do Paraná, e também do desenvolvimento e proposição de metodologias didáticas, como as Caixas Didáticas, a Contação de Histórias e as Rodas de Leitura, metodologias contextualizadas a partir da memória, de histórias, de representações e de identidades do litoral. Posteriormente ao processo de formação dos professores, educadores e agentes culturais vinculados às comunidades selecionadas, foram elaboradas propostas de atividades pedagógicas com a finalidade de servir de material de difusão da diversidade e pluralidade cultural do litoral a professores e educadores de outras regiões do Paraná e do Brasil.

Esperamos que a implementação de projetos temáticos vinculados aos conhecimentos das comunidades do litoral do Paraná nas escolas seja uma estratégia que possibilite abordar questões relacionadas aos saberes e práticas culturais, à educação ambiental, linguística e histórica e às noções de hospitalidade, de alteridade e de cidadania.

A partir dessas breves considerações, passamos a apresentar os fascículos que compõem a coletânea. Todos eles são resultado das ações previstas no Projeto **Mutirão +Cultura** e desenvolvidas nos últimos dois anos.

O primeiro fascículo trata das atividades de **Turismo na Escola: uma proposta para o Ensino Fundamental**. Tais ações referentes às práticas do turismo partem da percepção de que, além de contar com praias de fácil acesso, o litoral é um local com grande diversidade de opções de lazer, que atraem moradores de outras regiões do Paraná. Entre elas, destacam-se os banhos de mar, de rio e de cachoeira, as visitas aos monumentos e ao patrimônio histórico e cultural, os passeios de barco pelas paisagens das baías e ilhas de Antonina, Paranaguá, Guaraqueçaba e Guaratuba, a experiência de conviver com moradores das propriedades rurais de Morretes, Antonina, Guaratuba e Guaraqueçaba e as visitas aos centros e caminhos históricos e à cadeia de montanhas da Serra do Mar.

O fluxo turístico na região se intensificou a partir do século XX, com a construção, pavimentação e melhorias das estradas que ligam a capital do estado aos municípios litorâneos. As iniciativas de investimento em infraestrutura, além de possibilitarem o acesso ao porto de Paranaguá e às rotas comerciais nas proximidades de Curitiba, viabilizaram o desenvolvimento das atividades balneárias e os passeios pelas diferentes paisagens do litoral. Partimos da premissa, portanto, de que o turismo como prática pedagógica torna-se essencial para que os educandos estejam preparados para receber e acolher os visitantes, para fazer uma análise crítica sobre as práticas do turismo e compreender as diversas possibilidades de realizá-lo, trazendo benefícios para o lugar em que vivem por meio do compartilhamento de saberes e da organização social de sua comunidade. Para tanto, as propostas pedagógicas baseiam-se nos modelos de práticas aplicadas nas escolas municipais Antônio Barbosa Pinto,

em Guaraqueçaba, e Iraci Miranda Kruger, em Guaratuba, promovidas no marco do projeto **Mutirão +Cultura** entre 2015 e 2018.

O segundo fascículo trata das atividades desenvolvidas com as comunidades indígenas do litoral que resultaram na exposição **Nhande Mbya Reko: Nosso Jeito de Ser Guarani**, realizada no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR, em Paranaguá. Essa exposição se caracteriza por ter sido o resultado de uma curadoria compartilhada. Em geral, na museologia, a curadoria se refere tanto ao conjunto de ações para a formação, conservação e documentação das coleções quanto aos procedimentos necessários para a montagem de uma exposição. Numa versão compartilhada ou colaborativa de curadoria, todas as decisões sobre a exposição são tomadas em conjunto. Nessa exposição participaram da curadoria a equipe do museu (antropólogos, museólogos, designers e um fotógrafo) e representantes das cinco comunidades indígenas guarani participantes, todas elas localizadas na região do litoral do Paraná ou em suas imediações.

É importante ressaltar que os Guarani são um povo indígena que vive em territórios da Argentina, Paraguai, Bolívia e Brasil. A população guarani é de aproximadamente 284.000 pessoas, das quais 85.255 se encontram no Brasil, em diversas terras indígenas e cidades de vários estados (RS, SC, PR, SP, RJ, ES, MS, PA). Ainda que a região do litoral do Paraná seja considerada um território tradicionalmente guarani, como demonstram dados históricos e arqueológicos, as comunidades enfrentam grandes dificuldades para usufruir dessas terras, de forma que lhes permitam desenvolver seu modo de vida.

Hoje, as terras que cada comunidade ocupa são insuficientes para desenvolver atividades de subsistência tradicionais, como o cultivo da roça e a caça. Por essa

razão, os Guarani desenvolvem há décadas o artesanato como modo alternativo de obtenção de renda, tornando-o fundamental em muitas comunidades. Entretanto, isso não quer dizer que seja um simples produto econômico. Os artesanatos guarani refletem aspectos de sua cosmologia e da sua religiosidade. Foi a partir desses aspectos e das narrativas que as propostas de atividades contidas nesse fascículo foram elaboradas.

O terceiro fascículo da coletânea, **As comunidades quilombolas do litoral do Paraná e suas histórias**, busca dar visibilidade às práticas, aos saberes e às percepções sobre o modo de vida dos moradores de Batuva, uma das comunidades quilombolas do estado do Paraná. Batuva e Rio Verde são as duas comunidades remanescentes quilombolas certificadas pela Fundação Cultural Palmares, e estão localizadas a 36 quilômetros do município de Guaraqueçaba. No estado do Paraná existem 86 comunidades quilombolas identificadas, sendo que 37 delas já são certificadas pela Fundação Cultural Palmares. Ainda assim, muitos dos municípios não sabem da existência dessas comunidades, que permanecem em lugares de difícil acesso.

As Comunidades de Remanescentes de Quilombolas (CRQs) do Paraná, assim como as de todo o território brasileiro, tiveram sua formação no período da abolição do regime escravocrata. Apesar dos conflitos com os latifundiários e madeireiros, os trabalhadores das comunidades rurais quilombolas permanecem com sua cultura e tradição como um símbolo de resistência, reivindicando os direitos quilombolas e as implementações das leis e das políticas públicas que asseguram esses direitos. O fascículo traz algumas atividades sobre a história dessa comunidade e de seu modo de vida a partir dos relatos de seus moradores.

O quarto fascículo apresenta atividades sobre o **Fandango caiçara no litoral do Paraná**. A cultura do fandango está presente em diferentes momentos da vida social das comunidades caiçaras, como nos casamentos, batizados e aniversários, ocupando papel importante no cotidiano delas. A partir do fandango, criam-se laços de solidariedade e convivência, disputas e alianças. O fandango, com algumas inovações, permanece até os dias de hoje como um elemento essencial na sociabilidade caiçara, e seus mestres, batedores e compositores são muito respeitados em suas comunidades.

Para trabalhar com o tema do fandango nas escolas, o fascículo propõe uma construção coletiva de conhecimentos sobre os instrumentos, os passos do bailado e uma pesquisa sobre o pássaro que dá nome a uma das canções de fandango mais conhecidas das comunidades caiçaras.

O último fascículo, **Blocos e escolas em Antonina: Bloco Boi Barroso e o resgate de histórias e práticas culturais**, trata das práticas e saberes que envolvem as atividades desenvolvidas com a comunidade do Boi Barroso, bloco carnavalesco (boi de mamão) do litoral do Paraná. A brincadeira do boi integra o imaginário narrativo popular e, por ser uma história difundida oralmente, está espalhada pelo Brasil em diversas versões, apresentadas no período do carnaval, nas festas juninas e julinas e em agosto, quando se comemora o dia nacional do Bumba Meu Boi. No Brasil e no estado do Paraná, há várias formas de viver o período do carnaval. Há cidades com desfiles de escolas de samba e blocos carnavalescos e outras em que os bailes acontecem em clubes ou associações. Em algumas regiões, há comunidades que não “pulam” o carnaval, e para outras esse é um momento que corresponde ao início de um período de orações.

Esse período faz parte da cultura dos brasileiros e paranaenses e inclui diversas práticas sociais que convivem na maior parte das cidades.

Para conhecer o trabalho de resgate e realização da brincadeira do boi, esse último fascículo apresenta a versão de enredo apresentada pela comunidade do Boi Barroso, seus principais personagens e a marchinha que acompanha o desfile. Como proposta para a escola, há a possibilidade de fazer uma contação de histórias do enredo ou mesmo representá-lo teatralmente, culminando numa grande brincadeira. Outras duas histórias são apresentadas para contação, baseadas na compilação de histórias das capelinhas católicas da cidade. Esse trabalho, liderado pelas irmãs Vera, Delma e Pilar, resultou na exposição Rogai por Nós, parte das atividades do Projeto **Mutirão +Cultura** na UFPR.

Blocos e Escolas em Antonina

Bloco Boi Barroso e
o resgate de histórias
e práticas culturais

Da Grécia Antiga aos desfiles de carnaval

A história do carnaval, se é que é possível pensar em uma única história, remete à figura de Dioniso (também chamado de Baco pelos romanos) na Grécia Antiga. Deus do vinho para os gregos, sua divindade era celebrada em grandes festas cujas cerimônias consistiam em procissões com cantos e danças nas quais os participantes iam mascarados ou fantasiados de animais para a invocação do deus. Tais festas duravam cerca de seis dias e eram acompanhadas por representações de tragédias, dramas e sacrifícios de animais. Durante a celebração, tonéis de vinho eram abertos para realizar a comunhão com Dioniso e, por meio dessa comunhão, escravizados e senhores se entregavam às festas do deus do vinho.

Desde festas pagãs às celebrações cristãs, transformações sociais, políticas e culturais tornaram possível a existência de várias formas de fazer carnaval ao redor do mundo. Em terras brasileiras, por exemplo, é possível perceber a convergência de rituais dionisíacos, de tradições católicas e de disposição da sociedade colonial em meio às diversas formas de opressão e resistência que ganham forma e cor na folia.



De modo geral, as festividades carnavalescas têm lugar nos três dias que precedem a quarta-feira de cinzas, ou seja, a festa deve terminar quarenta dias antes da páscoa (para os católicos, essa data significa a ressurreição de Jesus Cristo, o filho do deus cristão). Além disso, a data do domingo de páscoa depende da primeira lua cheia do equinócio de primavera no hemisfério norte, e por isso pode variar. O domingo de carnaval também é variável, já que deve ocorrer sete domingos antes da páscoa. Esse é um exemplo de como tradições pagãs e cristãs permanecem no imaginário carnavalesco.

Carnaval no Brasil

Propor uma narrativa que consiga percorrer todos os caminhos, ritmos, tradições e transformações do carnaval no Brasil é, como atestaria qualquer pessoa que queira contar essa história, impossível. Para começar, faltariam os braços, as pernas, as vozes e as memórias da multiplicidade de pessoas que povoam os imaginários dessa festa popular. Some-se a isso a constatação de que muitas delas fizeram o carnaval há séculos e, assim como várias outras que vieram depois, traçaram trajetórias

diferentes em lugares e momentos diversos. Tampouco seria viável contar, no lugar de uma única narrativa, várias narrativas menores que de modo autônomo pudessem dar conta disso tudo. Não faria sentido, já que elas se encontram, se diferem, se recriam e se ressignificam em meio à tradição viva do carnaval no Brasil.

Samba, desfile na avenida e carros alegóricos. Talvez esse seja o primeiro pensamento de muitas pessoas ao escutar a palavra “carnaval”. Curiosamente, esses são três elementos que só passaram a integrar o repertório carnavalesco com mais força na primeira metade do século XX. A história do carnaval no Brasil remonta ao período colonial pela prática do entrudo, trazido pelos colonizadores portugueses entre os anos de 1600 e 1800, e tido como violento e sujo pelas famílias das elites coloniais. Africanos e afro-brasileiros satirizavam os colonizadores se fantasiando com camisas rasgadas, pintando seus rostos com farinha e atirando limões de cheiro em quem transitava. Por isso, desde o início da prática do entrudo até o século XX, existiu um esforço das autoridades, por meio de portarias, alvarás e avisos oficiais, para banir essas festas. A elite temia possíveis rebeliões, visto que notavam as festas abertas como potenciais ensaios de fuga (vale lembrar que são raríssimos os casos de fuga nesse período).

ENTRUDO

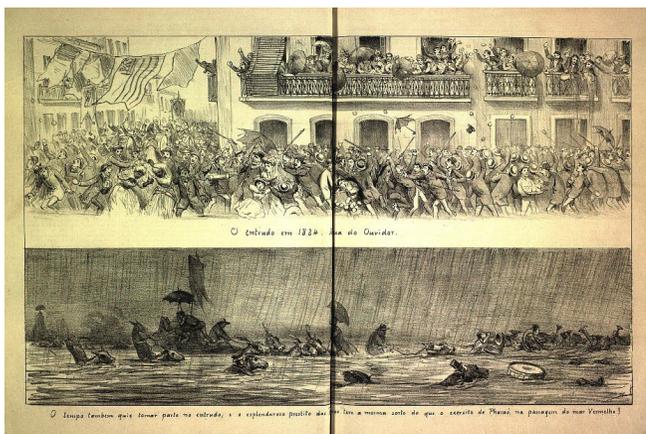
A palavra “entrudo”, de origem latina, significa “entrada” e “começo”. Esse também é o nome de uma festa que era muito prestigiada entre as classes populares e que, mesmo tendo sido alvo de constante repressão por forças policiais e elites, deixou marcas que podem ser observadas no carnaval de rua em todo o Brasil.

Trazida pelos colonizadores portugueses já no início da colonização, a comemoração ganhou destaque nas camadas populares e marcou uma diferenciação de classes. No século XVIII, a festa já havia se difundido por várias regiões do país.

Durante a festa, brasileiros satirizavam os colonizadores se fantasiando com camisas rasgadas, pintando seus rostos com farinha e atirando limões de cheiro em quem transitava.

O entrudo era considerado violento e, ao mesmo tempo, tornou-se muito popular. As famílias das elites coloniais não celebravam junto aos escravizados, e limitavam seu carnaval a seus espaços privados de socialização. Seria o início de uma cisão que, décadas mais tarde, tomaria corpo por meio do veto e criminalização do popular. No início do século XIX, a prática do entrudo foi proibida por lei e, enquanto isso, as elites cariocas realizavam bailes de carnaval em clubes e teatros ao som de polcas e criaram sociedades que passaram a desfilar nas ruas da cidade. Nesse período o entrudo popular ainda resistia, mas, em 1904, o prefeito Pereira Passos empreendeu uma grande campanha de repressão com o *slogan* “O Rio civiliza-se” e com isso pôs fim a essas manifestações.

Nesse ínterim, as camadas populares da sociedade se adensavam cada vez mais nos grandes centros urbanos da Belle Époque – Rio de Janeiro, São Paulo e Recife – e criaram novas práticas carnavalescas: os cordões e os ranchos. Esse também é o período de surgimento das marchinhas de carnaval. No início do século XX, o samba ganha as ruas – a partir do sucesso da música “Pelo telefone”, de Donga e Mauro de Almeida – e formam-se as primeiras escolas de samba, oriundas da tradição dos cordões e ranchos. Esse momento marca a construção de um importante legado cultural das populações periféricas. Tal ritmo musical, juntamente com as marchinhas,



ganha protagonismo nos carnavais até o fim da década de 60. No entanto, as músicas compostas especificamente para o carnaval perderam paulatinamente sua força, pois as escolas de samba cariocas já haviam se formado e a maneira de brincar o carnaval no restante do país era muito diversa.

Embora sejam um legado do Rio de Janeiro, as escolas de samba também começaram a se formar em São Paulo e no restante do país. Já em Olinda e Pernambuco, o carnaval é um dos mais diversos do país, e o frevo se caracteriza como uma de suas mais marcantes tradições, produto do sincretismo de várias melodias e ritmos. De modo único, o carnaval pernambucano é marcado pelo encontro do maracatu, caboclinho, afoxé, samba e bonecos gigantes, todos em uma mesma festa. Na Bahia, o

PROJETO MUTIRÃO +CULTURA



Foliões no carnaval de 1985

Foto: Eduardo Nascimento (imagem cedida pelo autor para esta publicação)



bloco carnavalesco Ilê Aiyê é o primeiro grupo afro-brasileiro reconhecido por exaltar a história das mulheres e homens negros no Brasil e toda sua resistência. Além disso, o carnaval baiano também é muito conhecido pela criação do trio elétrico e das festas ao som de afoxé, axé, micareta e samba.

Mesmo nesse contexto, vale ressaltar que o mito da democracia racial ainda existe nos discursos carnavalescos. Construído a partir da ideia de uma integração das três raças, caracteriza o povo brasileiro como resultado da união dos povos originários, africanos em diáspora e europeus colonizadores para enaltecer uma cultura “tipicamente” brasileira. Lélia Gonzales, importante antropóloga da Bahia, critica as apropriações das culturas africanas e nativas em suas análises sobre as festividades de carnaval. Entre elas, o estereótipo da sambista tipo exportação, representações enraizadas na cultura ocidental como *blackfaces* (entre elas a da “nega maluca”) e de adereços indígenas. Esses elementos pertencem a culturas e identidades que não são vistas como tal, mas como fantasias.

Apesar disso, o carnaval também é um ato de resistência. Desde sua popularização no Brasil, passou por diversas transformações e ressignificações que continuaram acompanhando os foliões que o vivem e revivem em todo o país.



No Paraná, há várias formas de viver o período do carnaval. Há cidades com desfiles de escolas de samba e blocos carnavalescos e outras em que os bailes ainda acontecem em clubes ou associações. Em algumas regiões, há comunidades que não “pulam” o carnaval, que é visto como um feriado como qualquer outro, em que as pessoas aproveitam para descansar, em locais públicos ou

Desfile da Escola de Samba Filhos da Capela - Antonina/PR
Foto: Eduardo Nascimento
(imagem cedida pelo autor para esta publicação)





privados, em pequenos grupos ou em grandes concentrações de pessoas. Para muitas comunidades, o carnaval corresponde ao período anterior à Quaresma e ao início de um período de orações. O importante é perceber que esse período faz parte da cultura dos brasileiros e paraenses e inclui diversas práticas sociais que convivem na maior parte das cidades. Essa convivência, em geral pacífica, tampouco é isenta de conflitos entre os vários segmentos da sociedade, por isso é importante conhecer sua história para que todas as formas de viver o carnaval possam ser conhecidas e respeitadas.

As festas do boi

O boi integra o imaginário narrativo popular e, por ser uma história difundida oralmente, está espalhada pelo Brasil em diversas versões. Os desfiles e representações se dão a partir da história de um escravizado (Pai Francisco, na maioria das vezes) que, na tentativa de satisfazer o desejo de comer língua de boi de sua esposa grávida (Mãe Catirina), acaba matando o animal. Mas como se tratava do bicho de estimação de seu patrão, começa uma investigação que acaba apontando Pai Francisco como culpado. Com o objetivo de absolvê-lo da pena que

poderia ser imposta pelo fazendeiro, pajés, curandeiros e outras personagens realizam rituais que culminam na ressurreição do boi. Diante disso, começa uma festa com música, dança e, em alguns casos, desfile de carnaval para comemorar o feito.

As festas que acontecem a partir dessa premissa recebem diversos nomes Brasil afora: Boi-Bumbá, no Amazonas e no Pará; Bumba meu boi, no Maranhão; Boi de mamão, em Santa Catarina e no Paraná; Boi Calemba, no Rio Grande do Norte; Cavalo-marinho, na Paraíba; Bumba de Reis ou Rei de bois, no Espírito Santo; Boi Pintadinho, no Rio de Janeiro; e Boizinho, no Rio Grande do Sul. Entre as representações, é possível estabelecer semelhanças e diferenças decorrentes do percurso histórico dessa lenda em cada região. Apesar de acontecer majoritariamente no carnaval, em algumas regiões a festa do boi acontece na época das festas juninas.

Há relatos de que a história inicial da ressurreição do boi tenha sua origem na encenação de um auto que servia para que os jesuítas transmitissem valores morais e religiosos do Cristianismo aos indígenas. Uma outra versão é que a narrativa tenha surgido no Nordeste, no século XVII, durante o ciclo do gado, pois o boi tinha uma grande importância econômica e simbólica na época. Entretanto, os primeiros registros formais a respeito de um folguedo em torno do boi são dos séculos XIX e XX.

AUTO

O auto é, em linhas gerais, uma peça dramática. Entre suas principais características está a presença de temáticas religiosas, alegóricas e simbólicas. Nesse sentido, é importante ressaltar que muitas de suas personagens não são humanas, mas representações que pairam em distintos imaginários, responsáveis por conferir à encenação a possibilidade de tratar de assuntos religiosos, profanos e cômicos, por exemplo.

No século XIX, os registros remontam a um surgimento no Norte e Nordeste do Brasil e apontam para uma origem popular da festa, pois o festejo sincretiza influências africanas e indígenas. Já no século XX, há um deslocamento das festas para além das representações populares, pois estas passam a integrar também o imaginário de uma intelectualidade brasileira que buscava práticas culturais que comporiam o que viria a ser definido como “brasilidade”, principalmente pelo movimento modernista. Ou seja, nesse momento há um processo de apropriação de elementos ligados ao folclore brasileiro para subsequentemente retratar a hibridização cultural presente no país e, a partir disso, contribuir para a formação de uma identidade nacional com narrativas míticas próprias.

Assim, a narrativa passou a figurar como uma espécie de mito brasileiro e sua encenação a ser tida como “auto do boi”. Mas a composição deixou de ter cunho pedagógico e moral através do tempo e passou a figurar como uma das representações folclóricas mais significativas do país. Assim, houve uma profunda resignificação da história e, conseqüentemente, do seu *status* e objetivo. Diante disso, ao nos debruçarmos sobre as diferentes festas do boi que acontecem pelo Brasil, podemos relativizar o *status* de auto. Além disso, não se trata da encenação de uma narrativa una. O ponto de partida é o mesmo,

mas cada região tem seu boi, seu folclore e história construídos a partir da literatura popular oral e das influências pelas quais passou através dos anos.



O Boi Barroso: Antonina/Paraná

No Paraná, o Boi Barroso foi fundado em 1920, em Antonina, por Luiz Pedro Bedenaque, vindo de Blumenau. Ele se inspirou nas representações do Boi de Mamão que aconteciam em Santa Catarina para criar o Bloco do Boi Barroso e, mais tarde, o Bloco do Boi do Norte, ambos no litoral do Paraná. Após algumas décadas de abandono das tradições festivas ligadas ao boi em Antonina, a família Pinto foi responsável por reavivar a tradição em 2008 e fazer com que a representação do Boi Barroso voltasse a fazer parte do carnaval do litoral paranaense.

As narrativas do boi já incorporaram muitos elementos com o passar do tempo e hoje existem várias versões da história espalhadas pelo Brasil. No caso do Boi Barroso, o enredo começa quando Pai Mateus corta a língua do boi de seu patrão (Pai Chico) por causa do desejo





O Boi Barroso - MAE/UFPR
maio de 2018 (foto: Douglas Frois)

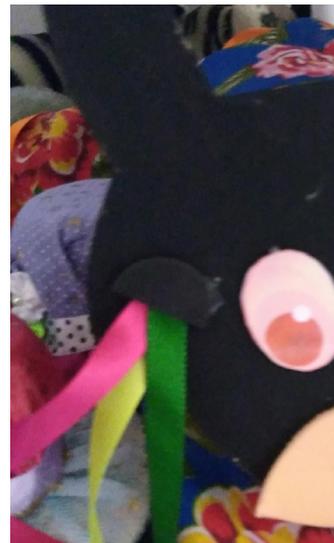
de gravidez de Mãe Catirina, o que culmina na morte do boi. Como se tratava do animal prometido como dote de casamento da sinhazinha (filha de Pai Chico), há uma investigação que acaba apontando Pai Mateus como culpado. Diante disso, começa uma série de investidas que envolve várias personagens para ressuscitar o boi morto com medicamentos, rezas e danças. Entretanto, nenhuma das iniciativas funciona e só depois de muitos esforços, por meio dos batuques de tambor e da presença de personagens do folclore brasileiro, o boi ressuscita, o que resulta em uma grande festa.

Há na encenação do Boi Barroso um exemplo do deslocamento tanto da narrativa tida como mítica quanto da representação como auto. É com essas ressignificações populares que o bloco faz parte do folclore local e é mote para a construção de uma festa tradicional do carnaval que foi resgatada e resiste graças às pessoas que possibilitam a existência do folguedo e às que participam do desfile.

A brincadeira do boi acontece durante o carnaval com a participação da comunidade local e dos turistas. Sob organização da família Pinto, todos recebem fantasias correspondentes às alas que compõem o desfile e os personagens principais são distribuídos na ordem da narrativa. A encenação da história não acontece na rua. O bloco consiste em um desfile organizado dos personagens que acontece no carnaval de Antonina, do qual todos podem participar e, segundo as organizadoras do bloco, sempre existe a possibilidade de incluir foliões de última hora no desfile.

Além de acontecer nas ruas durante o carnaval, a história é encenada nas escolas e em outros eventos regionais. Nesses casos é possível realizar tanto um desfile quanto contar a história para ampliar o alcance e as possibilidades de acesso à narrativa popular e de sua difusão.

PROJETO MUTIRÃO +CULTURA



As irmãs Vera, Delma e Maria do Pilar, da Família Pinto – responsáveis pela organização das atividades do Bloco Boi Barroso junto com o restante da família, amigos e foliões. Ao lado, o estandarte do Bloco. Casa do Boi - Antonina/PR. Dezembro de 2018 (foto: Pamela Oliveira)

No desfile de carnaval o boi principal, que é o maior, e o porta-estandarte abrem o bloco. A Bernúncia e outros bois de menor proporção se intercalam com outras personagens que fazem parte da história do Boi Barroso. Mais adiante vamos conhecer um pouco melhor a história e as principais personagens.

Além da representação do Boi, todos os anos, durante o carnaval, o Bloco do Boi Barroso realiza outras atividades buscando valorizar e resgatar a história das comunidades do município de Antonina. Exemplo disso são as histórias das capelinhas que fazem parte da exposição *Rogai por Nós*, montada originalmente no Salão Paroquial



da Igreja Matriz, no centro da cidade, e posteriormente, em 2018, no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR, em Paranaguá. Essa exposição apresenta em forma de estandartes os relatos das histórias das dezenove igrejas (capelas) católicas, localizadas nos bairros do município, narradas por seus moradores. No catálogo da exposição, publicado pelo MAE, é possível conhecer todos os relatos e ver as fotos das capelas.

Artesanato produzido durante o ano todo pelos participantes do Bloco do Boi Barroso - Casa do Boi - Antonina/PR. Dezembro de 2018 (foto: Pamela Oliveira)



A sinhazinha e o Boi Barroso; ao fundo, a porta-bandeira e o rei momo – MAE/UFPR. Maio de 2018 (foto: Douglas Frois)



Pai Mateus, o fazendeiro, Boi Barroso e Catirina (grávida); ao fundo, o pajé, a feiticeira, os índios e outras personagens – MAE/UFPR. Maio de 2018 (foto: Douglas Frois)

O ENREDO

A história começa nas terras de um rico fazendeiro. Ele é o dono do Boi Barroso, que é seu bichinho preferido e que também é muito admirado por todos na região por sua beleza e simpatia. A filha do fazendeiro, a sinhazinha, também adorava o boi.

Nessa fazenda trabalhava um vaqueiro, Mateus. Ele cuidava da propriedade e também era responsável pelo boi, que estava forte e com muita carne. Mateus era marido de Catirina, que estava grávida e um dia foi acometida por um desejo urgente: comer a língua do Boi Barroso. Diante dos pedidos da esposa, Mateus corta a língua do boi e a oferece a Catirina para satisfazer sua vontade.

Entretanto, enquanto ela come a língua do animal, ele morre em decorrência do ferimento. Vendo a situação do boi, Mateus entra em desespero. Não sabe como seria possível enterrar o bichinho, tentou fazer orações e aplicar remédios, mas nada surtiu efeito. Para piorar o acontecido, um corvo começa a sobrevoar o corpo do boi. O medo de Mateus aumenta e ele não sabe o que fazer.



Ao centro, Pai Mateus e o boi; ao fundo, o pajé, a feiticeira e os índios; e, à esquerda, a filha do fazendeiro – MAE/UFPR. Maio de 2018 (foto: Douglas Frois)

Com o passar do tempo, o fazendeiro sente falta do boi e começa a procurá-lo pela fazenda. Rapidamente nota o sumiço do querido animal, e Mateus fica preocupado com o que seu patrão poderia fazer caso descobrisse o que havia acontecido. Catirina, satisfeita depois de comer a língua do boi, pensava em uma maneira de ajudar Mateus a resgatar o animal ao seu dono.



A fada, Pai Mateus e o Boi Barroso; ao fundo, outras personagens – MAE/UFPR. Maio de 2018 (foto: Douglas Frois)

PROJETO MUTIRÃO +CULTURA



Todos o personagens dançam juntos após ressuscitarem o boi
– MAE/UFPR. Maio de 2018 (foto: Douglas Frois)



Bloco Boi Barroso, equipe Mutirão e equipe MAE/UFPR.
Maio de 2018 (foto: Douglas Frois)

Então, o vaqueiro decide recorrer ao pajé para ajudá-lo, que canta e dança ao redor do animal, mas não obtém sucesso. Em seguida, Pai Mateus convoca a feiticeira da região, mas ela tampouco consegue trazer o bichinho de volta. Depois dela, uma fada é chamada para fazer uma tentativa que também não surte efeito.

Finalmente, tambores começam a ser tocados e o boi ressuscita ao som da música. Depois de sua ressurreição, uma grande festa em que todas as personagens comemoram começa. Todos dançam ao ritmo dos tambores e as crianças brincam com o boi, a Bernúncia e as outras personagens.

AS PERSONAGENS

Boi Barroso: boi que tem a língua arrancada por Pai Mateus. O animal morre e ressuscita somente ao final da história.

Pode ser feito de diferentes materiais e chama a atenção por seu tamanho. Uma pessoa veste a fantasia do boi e no final todas as crianças podem brincar.

Cavalinho: cavalo de Pai Mateus. Ele pode aparecer durante a encenação mas não realiza nenhuma ação específica no enredo.

Mateus (vaqueiro): cuida do Boi Barroso e trabalha como vaqueiro para o fazendeiro.

Caracteriza-se por usar chapéu, botas e por segurar uma grande faca feita de papelão.

Corvo: voa ao redor do corpo do boi após a sua morte.

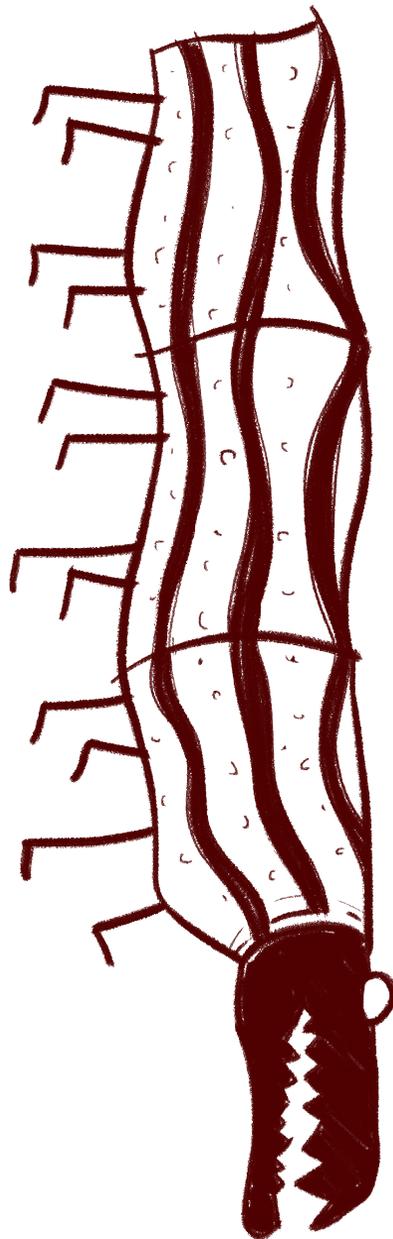
É reconhecido por seu longo bico, roupa inteiramente preta e esvoaçante.

Pajé: convocado por Mateus para ressuscitar o boi.

Caracteriza-se pelo grande cocar.

Feiticeira: Convocada por Mateus para ressuscitar o boi.

Caracteriza-se pelo chapéu pontudo de feiticeira.





O cavalinho e a Bernúncia engolindo uma criança. MAE/UFPR. Maio de 2018 (foto: Douglas Frois)

Fada: convocada por Mateus para ressuscitar o boi.

Caracteriza-se pela varinha de condão.

Bateria: conjunto de 5 a 10 pessoas que tocam tambores ou outros instrumentos de percussão.

Bernúncia: após a ressurreição do Boi, a Bernúncia engole as crianças. Trata-se de um animal mítico que lembra um grande jacaré que “engole” as crianças, que entram por sua grande boca.



Fazendeiro: dono do Boi Barroso.

Usa um chapéu, botas de vaqueiro e carrega uma arma de mentira.

Catirina: é a esposa do vaqueiro. Está grávida e um dia tem o desejo de comer a língua do boi.

Sinhazinha (Maricota): filha do fazendeiro. Também gostava muito do Boi Barroso.

De maneira geral, usa um volumoso vestido com armação e uma pequena sombrinha.

A Bernúncia e as crianças MAE/UFPR maio 2018 (foto Douglas Frois)

MÚSICA: BOI BARROSO DE ANTONINA

Cadê meu boi?

Onde está o Boi Barroso

Pra onde é que foi

Pra onde é que foi

Meu boi formoso

Numa linda fazenda

Num lugar majestoso

Assim conta a lenda

Do nosso Boi Barroso

A língua do Barroso

A grávida desejou

Seu marido arrancou

E o dono o procurou

Cadê meu boi?

Onde está o Boi Barroso

Pra onde é que foi

Pra onde é que foi

Meu boi formoso

Descoberto o delito

Pai Chico pensa então...

Ressuscito o bendito

E devolvo ao patrão

Agradei Catirina

Ajudo o patrão

Revivendo o Barroso

Com pajelância e oração

Cadê meu boi?

Onde está o Boi Barroso

Pra onde é que foi

Pra onde é que foi

Meu boi formoso

Pai Chico se esmera

E nada de especial

E o boi se recupera

A um toque musical

Maricota acorre

Com Pai Mateus pela mão,

E os bichos do folclore

Festejam a ressurreição

Cadê meu boi?

Onde está o Boi Barroso

Pra onde é que foi

Pra onde é que foi

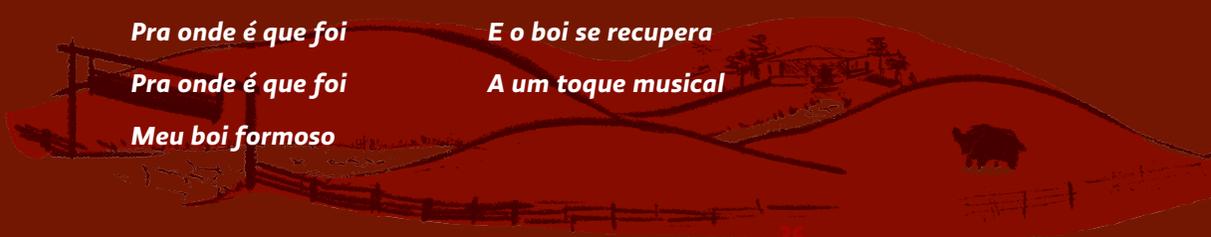
Meu boi formoso

E levante meu boi

E vai embora

Carnaval já chegou

Está na hora.



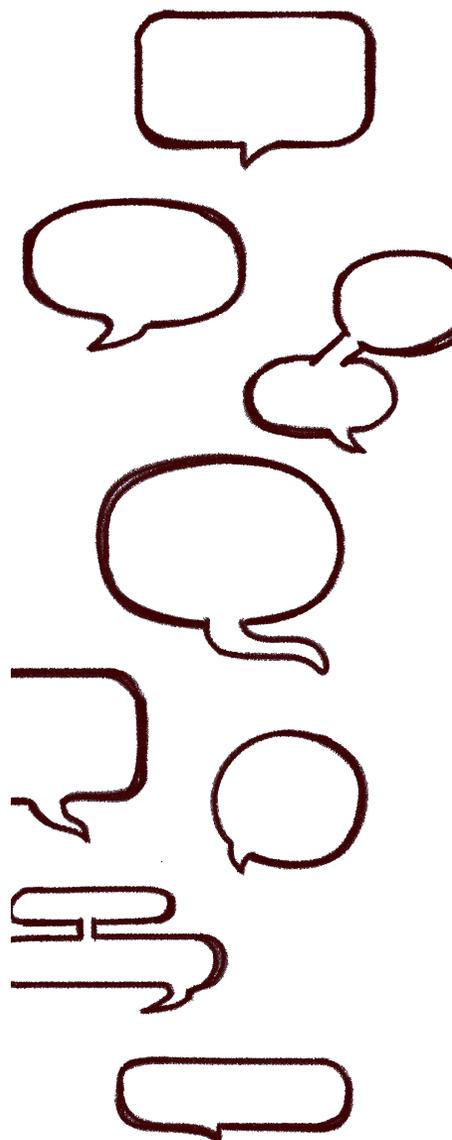
Sugestões para o professor

Objetivo: abordar temas vinculados ao carnaval e à brincadeira do boi como prática cultural de maneira breve, dinâmica e de fácil compreensão, usando elementos próximos aos estudantes.

Disciplinas relacionadas: Geografia, Português, História e Artes.

A contação de histórias ou representação é uma maneira dinâmica e interativa de ensino, pois o uso da dramatização como ferramenta pedagógica traz ludicidade para o aprendizado. Por meio da representação, é possível estimular o desenvolvimento cognitivo, atitudinal, afetivo e psicossocial da criança. Ela propicia um espaço de reflexão, criação e interação.

Após a apresentação e contextualização das práticas relacionadas ao boi no litoral paranaense, sugerimos duas abordagens didáticas: uma contação de histórias e a encenação da história do Boi Barroso.



1. Contação de histórias:

Para a contação é possível usar o enredo (como o apresentado aqui) e, para a encenação, o enredo pode ser adaptado para incluir diálogos, cenas e as personagens (de acordo com o número de alunos da turma).

Capelinhas: além da representação do boi, todos os anos, durante o carnaval, o Bloco do Boi Barroso, como vimos, realiza outras atividades buscando valorizar e resgatar a história das comunidades do município de Antonina. Uma dessas atividades foi a compilação das histórias das capelinhas que fazem parte da exposição *Rogai por Nós*. Essa exposição apresenta em forma de estandartes os relatos das histórias das dezenove igrejas (capelas) católicas, localizadas em diferentes bairros do município. Assim, para conhecer um pouquinho dessas histórias, transformamos dois desses relatos em histórias para serem contadas aos alunos.

COMUNIDADE NOSSA SENHORA DA PENHA

A capela Nossa Senhora da Penha é a única que conta, em sua história, com a participação de um casal proveniente da diáspora africana. É um fato importante para demonstrar à população antoninense a participação significativa da população negra na construção da fé e da história da cidade.

Nossa sugestão de trabalho pedagógico é o estudo da diáspora africana por meio desta narração que conta um pouco da história da comunidade:

Se você ainda não ouviu falar da Comunidade Nossa Senhora da Penha, provavelmente está com os ouvidos atentos a outras histórias, e como isso me parece uma causa muito nobre, não tem problema, vou ensinar um pouquinho sobre a participação da população negra em um ato muito significativo para a cidade de Antonina.

Tudo começou tão, mas tão antigamente que acredito que nem eu nem você vamos saber a distância exata desse tempo, o importante é que a admiração por Nossa Senhora da Penha começou no sofá da casa de um casal, Dona Eugênia e Seu Amândio, descendentes da diáspora africana, que encontraram a alegria realizando um movimento muito bonito e importante para toda a comunidade e para os tripulantes que vinham do porto.

Nessa época, a comunidade tinha somente uma estampa de Nossa Senhora da Penha, e o comandante de um navio, vendo a alegria de seus tripulantes e o sorriso no rosto de Dona Eugênia, simplesmente por se reunirem para rezar, prometeu que quando voltasse do Rio de Janeiro para Antonina traria consigo uma imagem de gesso, uma de verdade, maravilhosa e que encantaria a todos. Não tardou muito e o capitão retornou, com a imagem embrulhada em um tecido todo florido, que para ele representava o mais bonito pacote de presente.

Depois de receber a imagem da santa, toda a comunidade sentiu vontade de ter sua própria capelinha, rezavam e trabalhavam todos os dias e, com essa organização, conseguiram realizar o evento mais esperado, construíram a capela em madeira e para adorná-la colocaram Nossa Senhora da Penha em cima do altar.

Seguiram celebrando e realizando suas missas por muitos e muitos e muitos anos até que, bem quando você acredita que tudo está indo a mil maravilhas, alguém vai e joga um tubarão no aquário da tartaruga, e o terreno em que estava a capelinha de madeira foi doado, deixando a comunidade com o sentimento de que necessitava procurar um novo chão e madeiras novas para construir outra capela. Com toda agilidade e compreensão o povo correu, conversou com o prefeito, com um engenheiro, trabalharam e trabalharam e receberam uma

nova chance de ter sua capela. Iniciaram um ritual antigo, sabe qual? Buscaram doações, dizimistas e fiéis dispostos a ajudar, levaram mais uma meia dúzia de anos e conquistaram seu novo espaço, com a mesma imagem que representava tanto a Nossa Senhora da Penha quanto a luta para essa conquista. Bom, agora nada mais está tão diferente, a comunidade celebra suas missas na capela sem preocupações. Essa história começou há muitos e muitos anos, e já faz mais de cem que a santa é venerada no bairro Penha.

Adaptação baseada em relatos orais: Elisama Kissenia de Souza

Revisão: Glauca dos Santos Abreu

Consultoras:

Delma Sueli S. Pinto

Maria do Pilar P. Nemézio

Vera Lucia P. Nascimento

IGREJA BOM JESUS DO SAIVÁ

A igreja do Senhor Bom Jesus do Saivá foi tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Paraná, em 1970, como um dos melhores exemplares da arquitetura luso-brasileira do litoral paranaense. Motivo importante para eleger essa construção como uma história a ser transformada em contação:

— Aonde vamos, vovô?

Visitaram a cidade de Antonina sem que a menina soubesse que o avô Manoel havia participado da construção do templo para o Senhor Bom Jesus, até porque, como ele já previa, criança vive sentindo saudade do que os avós e os pais viveram e com sua neta não era diferente: ela adorava saber o que não teve a oportunidade de conhecer.

— É fácil minha querida, vamos conhecer a capela que me trouxe muita alegria, primeiro porque para construí-la fiz uma promessa, e promessas não se quebram. Então, com muito carinho, construí a capela porque o Senhor Bom Jesus nos deu a bênção de cura para a sua avó.

Continuaram caminhando e foi Clarice, a pequena, quem viu primeiro, lá de longe, aquela belíssima capela. Já não era mais como antigamente, mas era nítido que continuava bonita, e também não podia ser diferente, porque um monumento tombado e cuidado sempre será bonito.

— Sabe aquelas festas em que caminhamos até a igreja em procissão? Pois bem, deixa eu te contar, aqui dessa igrejinha também saem procissões e, como essa história sempre vai por caminhos bonitos, ficamos muito contentes, pois o dia escolhido por nós para a festa do

Senhor Bom Jesus é o mesmo dia que começamos as festividades para Nossa Senhora do Pilar, santa da igreja matriz e padroeira dessa cidade.

Ficamos famosos na cidade e o nosso Senhor Bom Jesus era motivo de carinho e devoção dos capelistas, não só nosso, mas da cidade de Antonina inteirinha. E como sempre tínhamos dias felizes na capela, também passamos por dias tristes, e um desses dias foi marcado pelo roubo da nossa imagem, motivo de tristeza total. A cidade já não sorria como antes e o delegado sabia que precisava fazer algo para restabelecer o sorriso nos rostos antoninenses.

A menina já sabia, um dia a imagem voltaria, pois quando perdera seu brinquedo preferido, depois de muito tempo, o encontrou e a alegria foi maior do que quando havia ganhado. Mas não falou nada para seu avô, porque em meio àquela história feliz viu também a tristeza quando soube daquele fato que tinha tirado a alegria da cidade.

E como previa a menina, seu avô confirmou que o seu imaginário não estava equivocado.

— Sabe que todos os dias, minha querida, levanto às 7 horas para tomar meu cafezinho preto, e no dia 29 de janeiro de 1984 levantei no mesmo horário e não demorou muito para o delegado nos avisar: “Encontramos

a imagem!”. Ninguém perguntou como nem onde, houve uma felicidade tão grande que reconhecemos o que tinha se perdido e para além do santo vimos a alegria e as flores da cidade de novo. Saímos felizes pelas ruas esperando a entrega da imagem que demorou um pouquinho, mas quando ela retornou a cidade voltou a ser bonita e colorida, como no dia em que nossa imagem tinha se perdido.

Adaptação baseada em relatos orais: Elisama Kissenia de Souza

Revisão: Glauca dos Santos Abreu

Consultoras:

Delma Sueli S. Pinto

Maria do Pilar P. Nemézio

Vera Lucia P. Nascimento

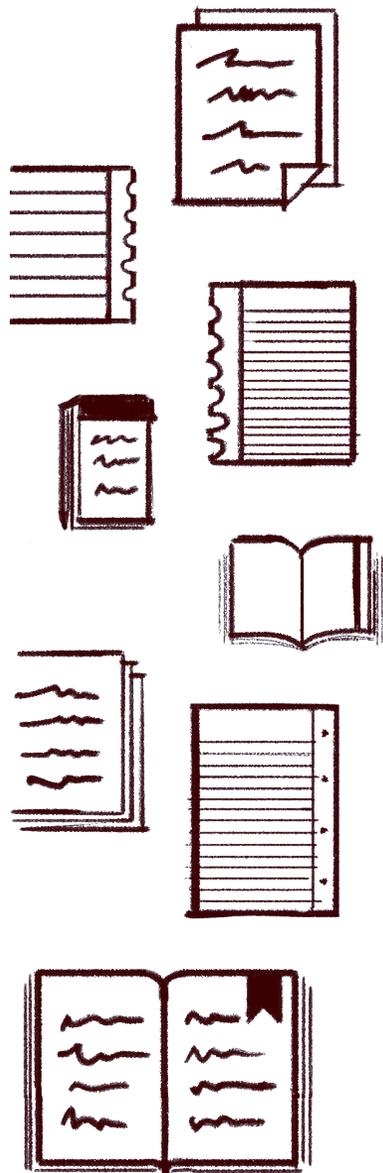
Resultados esperados

Espera-se que os alunos interajam com as histórias e, de forma lúdica, conheçam um pouco mais sobre algumas das mais importantes práticas culturais do país e do litoral do estado do Paraná.

Tanto o carnaval como a festa do boi e as histórias das capelinhas são parte da história dessas comunidades. É importante conhecer essas práticas para poder compreendê-las melhor e valorizá-las como parte da identidade e do modo de vida de um grupo de pessoas.

Quando o aluno não as conhece é possível que tenha inicialmente uma posição de estranhamento em relação a essas práticas e não queira participar das atividades por julgá-las inadequadas, por algum valor que compartilha com sua própria comunidade. É importante não forçar o aluno a participar diretamente das atividades. Ainda que não participe das brincadeiras, é importante que o aluno compreenda que cada grupo, cada comunidade, cria seu modo de vida, suas festividades, sua forma de ver o mundo. Também é relevante para sua formação que compreenda que não há um único modo correto de organização social em detrimento dos demais. Há modos diferentes e que devem ser respeitados como parte da organização e da história de cada povo. Assim como ele pode estranhar algumas práticas, outros alunos, em outros locais, podem estranhar coisas que para ele são normais, cotidianas. Tente conversar com os alunos sobre isso e refletir com eles:

“Quais atividades que, para nós, são comuns e que podem não ser para outras pessoas, ou que sabemos que elas fazem de modo diferente?”



É importante dizer aos alunos que os diferentes modos de organização da vida social permitiram aos homens ocupar todos os ambientes do planeta, interagindo com a natureza e produzindo suas próprias culturas.

Referências

BRASIL. Lei nº 12.103, de 1º de dezembro de 2009. Institui o Dia Nacional do Bumba Meu Boi. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2 dez. 2009. Seção 1, p. 1. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12103.htm. Acesso em: 1 out. 2019.

CARVALHO, C. A. P.; MADEIRO, G. Carnaval, mercado e diferenciação social. *Organizações & Sociedade*, Salvador, v. 12, n. 32, p. 165-177, jan./mar. 2005.

CAVALCANTI, M. L. V. C. Tema e variantes do mito: sobre a morte e ressurreição do boi. *Maná*, v. 12 n. 1, p. 69-104, Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

FURLANETTO, B. H. Boi-de-Mamão no litoral paranaense: Que tradição é essa? In: FÓRUM DE PESQUISA CIENTÍFICA EM ARTE, 7., 2011, Curitiba. Anais... Curitiba: Embap, 2011. p. 1-10.

PINHEIRO, M. M. S. *A travessia do avesso: sob o signo do carnaval*. São Paulo: Annablume, 1995. (Selo universidade: 39)

Equipe: texto final

Deise Cristina de Lima Picanço

Fernanda Cristina Lopes

Pamela Cristine de Oliveira

PESQUISA

Deise Cristina de Lima Picanço

Elisama Kissenia de Souza

Glauca dos Santos Abreu

Priscila Nadolny

Fernanda Cristina Lopes

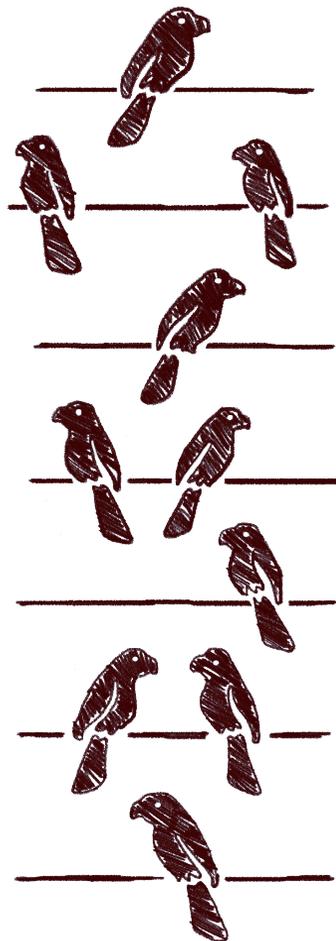
Pamela Cristine de Oliveira

CONSULTORAS

Delma Sueli S. Pinto

Maria do Pilar P. Nemézio

Vera Lucia P. Nascimento



PROJETO MUTIRÃO +CULTURA



Ilustração

Daniella Valendorff e Pedro Ramos

O projeto gráfico do Mutirão +Cultura foi criado a partir de um conceito: os rabiscos. As ilustrações de todos os fascículos remetem aos desenhos feitos nas bordas de livros e cadernos por todos que um dia já foram alunos. Para complementar e criar maior coesão no conjunto, cada caderno possui uma cor (ou uma paleta de cores) que remete ao tema tratado no fascículo.

Título

Mutirão +Cultura

**Blocos e Escolas em Antonina: Bloco
Boi Barroso e o Resgate de Histórias e
Práticas Culturais**

Projeto Gráfico

Victor Uchoa

Revisão de Texto

Fernanda Cristina Lopes

Pamela Cristine de Oliveira

Revisão de Texto

Daniele Soares Carneiro

Luana Zacharias Karam

Nº Páginas 52

ISBN 978-85-8480-214-2

Tipografia & Papel

Prater Sans Pro [título] e Ratio [texto]

Papel offset 120g/m² [miolo] e 180g/m² [capa]

Impresso na Imprensa da UFPR

Tiragem 100

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. SISTEMA DE BIBLIOTECAS.
BIBLIOTECA CENTRAL – COORDENAÇÃO DE PROCESSOS TÉCNICOS**

B651 Blocos e escolas em Antonina : bloco Boi Barroso e o resgate de histórias e práticas culturais / organizadoras : Deise Cristina de Lima Picanço, Fernanda Cristina Lopes, Pamela Cristine de Oliveira. – [Curitiba] : Ed. UFPR, 2019.

49 p. : il., color. ; 22 cm.

Acima do título: Projeto Mutirão + Cultura.

Inclui referências: p. 47.

ISBN 978-85-8480-214-2

1. Folclore - Paraná 2. Bumba-meu-boi - Antonina (PR). 3. Danças folclóricas brasileiras - Paraná. I. Picanço, Deise Cristina de Lima, 1969- .

II. Lopes, Fernanda Cristina, 1993- . III. Oliveira, Pamela Cristine de, 1994- .

IV. Universidade Federal do Paraná. Museu de Arqueologia e Etnologia.

V. Universidade Federal do Paraná. Projeto Mutirão Mais Cultura. VI. Título.

CDD: 394.598162

CDU: 793.3(816.2)

Bibliotecário: Arthur Leitis Junior - CRB 9/1548

DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS À EDITORA UFPR

Rua João Negrão, 280, 2º andar – Centro

Tel.: (41) 3360-7489

80010-200 – Curitiba – Paraná – Brasil

www.editora.ufpr.br

editora@ufpr.br

2019





Realização



Apoio

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA

